

Especiais

Indústria dos **VINHOS**

Patrícia de Magalhães, 34 anos,
é uma nano produtora de Murça,
em Trás-os-Montes.

Jovens produtores que voltaram às origens

Fotografia: rodal por Monteiros

PUB

ANTONIO MAÇANITA

Produtor e fundador da Azores Wine Company

“ Na universidade o entusiasmo pelas vinhas foi imediato e plantei uma vinha nos Açores.



INDÚSTRIA DOS VINHOS



Joana Santiago e a mãe nas vindimas da Quinta de Santiago, no Minho.

Jovens produtores voltam à terra para retomar negócio

Estão a surgir novos projectos de jovens que aliam a paixão pelo vinho à tradição familiar.

RAQUEL CARVALHO
raquel.carvalho@diarioeconomico.pt

Há cada vez mais jovens produtores de vinho em Portugal. Por paixão ou por tradição familiar, regressar à terra ou pegar num antigo negócio de família é o que muitos têm feito.

Mas há também quem, apesar de ter ligações antigas aos vinhos, nunca tenha pensado em enveredar por esse negócio. Mas quis o destino que nele mergulhasse por engano. Foi o que aconteceu com António Maçanita, 37 anos. Com uma forte ligação aos Açores, "o meu pai é

Regressar à terra dos antepassados para retomar negócio dos vinhos, tem sido uma tendência crescente em várias regiões do país.

natural da ilha de S. Miguel e desde criança que passo lá férias regularmente", teve o seu primeiro contacto com vinhas aos quatro anos, chegando mesmo a "pisar a pé as uvas na adega de um primo".

Porém, esse contacto nunca o tinha levado a querer seguir essa área. Aos 18 anos, fazia caça submarina e surf e essa paixão pelo mar fê-lo pensar em seguir Biologia Marinha. Contudo, seguindo os conselhos de um professor, resolveu escolher Ciências Agronómicas, mas um engano no código na hora da inscrição, colocou-o em Engenharia Agro-Industrial, que incluía Enologia. Desde aí, a sua vida mudou. "Na universidade o entusiasmo pelas vinhas foi imediato", revela, e levou-o a envolver-se na plantação de uma vinha na ilha do Pico. Estagiou em França, trabalhou na Austrália e em Bordéus e, em 2004, criou com o sócio David Booth a empresa FITAPRETA

Vinhos, com sede em Lisboa. Em Abril de 2014, criou com mais dois sócios a Azores Wine Company, tendo nesse mesmo ano produzido dez mil garrafas.

Agora, vive entre Lisboa e o arquipélago e tem como objectivo apostar na casta Terrantez do Pico, quase em extinção, e nas monocastas Arinto dos Açores e Verdelho Original, que só existem ali, e projectar os Açores, e o Pico em particular, como uma região de referência na área da vitivinicultura, recuperando 45 hectares de vinha.

Quem, sem enganar, escolheu esta vida foi Patrícia de Magalhães, de 34 anos, um dos casos em que voltar (perto) à terra dos antepassados falou mais alto. A produção de forma independente começou em 2013 por influência familiar. "O meu avô, um verdadeiro apreciador de vinhos, contava-me histórias sobre a família e sobre as vinhas dos meus tetravós, na Galufura, Peso da Régua", diz.

Depois de algumas mudanças pessoais, decidiu recomeçar, voltando às origens e apostando em produzir vinho perto das terras dos seus antepassados. Foi assim que saiu do Porto, onde nasceu e sempre viveu, e decidiu assentar arraiais em Noura, concelho de Murça, em Trás-os-Montes, onde conheceu os seus parceiros de negócio: um é o dono das vinhas e outro da adega.

Para breve, esta "nano" produtora com uma formação pós-académica em Gestão de Empresas Agrícolas, e que já produziu 4.251 garrafas de 'Morphosis' Douro Branco, ambiciona produzir o seu primeiro tinto e na primavera de 2016 irá lançar o primeiro Douro Reserva, que terá edição limitada de 600 garrafas. Apostar no negócio que já era tradição na família foi, também, a intenção de Nuno da Franca, que quis voltar à terra dos seus antepassados. "O negócio do vinho sempre fez parte da nossa família mas